

Uma visão **simples e bíblica**
do **discipulado de Cristo**



Georg Emmerich **O fator**
MANGABEIRA

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Prefácio</i>	11
<i>Introdução</i>	13
<i>Capítulo 1</i> O que é o discipulado?	17
<i>Capítulo 2</i> O que é o fator mangabeira	21
<i>Capítulo 3</i> Mobilização da igreja.....	25
<i>Capítulo 4</i> O dia “D”	29
<i>Capítulo 5</i> A poda	33
<i>Capítulo 6</i> Cuidando do fruto	37
<i>Capítulo 7</i> A transição.....	43
<i>Capítulo 8</i> A dinâmica mangabeira.....	49
<i>Capítulo 9</i> O perigo da rotina	57
<i>Capítulo 10</i> A oração no processo do discipulado	63
<i>Conclusão</i>	71
<i>Bibliografia</i>	73
<i>Testemunhos</i>	74

PREFÁCIO

“Assim, toda árvore boa produz bons frutos...”
(Mateus 7.17)

Ao prefaciар esta obra do pastor e amigo Georg Emmerich, tenho o sentimento de ser duplamente abençoado.

Em primeiro lugar, pela oportunidade de ler os originais deste texto, que trata de uma maneira muito peculiar e significativa do desenvolvimento do princípio bíblico do discipulado de Jesus para uma realidade pastoral concreta, sem buscar os chamados modelos prontos de “sucesso”, entre os tantos que são desenvolvidos pelos mais diversos segmentos cristãos em nossos dias. Não se trata de um modelo para contabilizar números, mas para pastorear cada pessoa, a começar com a família.

Acredito que as pessoas que o lerem serão profundamente inspiradas e motivadas na direção do desenvolvimento do discipulado de Cristo, como uma forma de pastoreio e de cumprimento da Grande Comissão, expressa no Evangelho de Mateus (28.18-20).

Em segundo lugar, pela honra de apresentar ao público evangélico em geral, e metodista em particular, esta verdadeira gênese de um movimento nascente, vibrante e crescente, que está em pleno curso na Igreja Metodista Central de Natal, onde frutos visíveis do “Fator Mangabeira” podem ser observados.

Sem dúvida, a experiência de implantação do discipulado, à luz do Fator Mangabeira, é essencialmente bíblica e cristã, baseada numa metodologia plenamente exequível em qualquer comunidade, por mais simples que seja o contexto social onde esteja inserida.

A expressão citada pelo Pastor Georg – “todo o mundo imita todo o mundo” – no contexto deste livro nos conduz à reflexão sobre o conceito de verossimilhança utilizado no teatro grego, em que o espetáculo, fosse comédia ou tragédia, deveria ter um desempenho do elenco tão próximo à realidade que permitiria ao espectador uma profunda identificação com a história e as personagens, como se fossem as suas próprias histórias de vida. A vida imita a vida!

Em *O fator mangabeira*, a representação do processo do discipulado por uma árvore tão comum e conhecida, especialmente no nordeste de nosso país, permite a releitura do discipulado de Cristo como a árvore frondosa, que acolhe à sua sombra, que alimenta a vida e só se perpetua na vivência comunitária, na proximidade das pessoas umas com as outras, em que a imitação da vida de Cristo nos faz caminhar na perspectiva de viver e fazer o que ele fez e ensinou a todas as pessoas a quem ele discipulou.

Tenha uma boa leitura e que você se inspire por este exemplo compartilhado.

Saudações em Cristo.

Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa

INTRODUÇÃO

Em meio ao caos contemporâneo, em que os relacionamentos estão cada vez mais fragilizados e aparentemente caminhando para o fim, em nosso coração brotou uma sede por respostas e ao mesmo tempo uma inquietação angustiante, sobretudo no tocante aos rumos do cristianismo brasileiro. Essencialmente, podemos perceber uma perda significativa da nossa identidade cristã. O sociólogo Zygmunt Bauman, em seu livro *Modernidade líquida*, lança luzes naquilo que podemos perceber hoje com maior exatidão: os relacionamentos estão superficiais e líquidos.

Observamos nessa última década uma forte evasão de membros nas igrejas tradicionais e históricas, provocada por constantes interrupções teológicas e modelos incompatíveis com os costumes dessas comunidades. Isso tem sido um desafio para as lideranças atuais, que precisam conciliar suas necessidades ministeriais e as pressões denominacionais por um crescimento numérico. Há um forte apelo emocional invadindo a igreja, camuflado de

compaixão e misericórdia, mas na verdade tem motivação obscura e é incompreendido pelas pessoas. São modelos travestidos de cristãos, porém, com o tempo, observamos que causam mais estragos do que benefícios à noiva de Cristo. São as famosas franquias que entorpecem as vidas com seus discursos de autoajuda, quando o correto deveria ser “ajuda do alto”.

Assim que comecei a escrever este livro, minha inquietação era ter um *feedback* para saber se tudo estava no rumo, então convidei a minha esposa Jane para ler e fazer suas críticas. Enquanto ela lia, percebi as lágrimas em seus olhos; ela estava emocionada e disse que seria uma bênção para a igreja. Isso foi muito encorajador para continuar escrevendo.

Não temos a pretensão de responder aos anseios de toda a igreja cristã sobre o tema do discipulado, mas apenas apontar um caminho para vivenciá-lo, ainda que seja um assunto de alguma forma conhecido por todos aqueles e aquelas que conhecem a Palavra de Deus e de alguma forma a colocam em prática. Trata-se de um retorno bíblico e cristocêntrico para o discipulado, que em sua essência não se refere a um programa ou modelo de crescimento para as igrejas, e sim à ordem de Jesus conferida em Mateus 28.19: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo...”.

É por este viés que entendemos o discipulado, a partir de uma ordem dada pelo próprio Jesus Cristo. Se antes entendíamos o discipulado como algo a mais para auxiliar a igreja no cumprimento da missão, constatamos hoje que é uma questão de sobrevivência para todas as comunidades de fé.

Este livro é o resultado das nossas buscas por uma clareza e um caminho para conduzir o rebanho que o Senhor nos confiou, a fim de caminhar entendendo que ele é o modelo. Convidamos você agora a mergulhar nessa visão tão simples, porém bíblica, para nutrir seu ministério com as experiências do verdadeiro discipulado de Cristo.

Capítulo 1

O QUE É O DISCIPULADO?

Antes de discorrer sobre o fator mangabeira, falaremos resumidamente sobre discipulado. Claro que você já pode ter ouvido falar ou já o tenha praticado, porém sabemos que esse tema não se esgota, pelo contrário, sempre estará prioritariamente no plano de Deus para restaurar uma igreja e deixá-la saudável. Podemos afirmar que o discipulado é um estilo de vida. Para o Pr. Hernandes Dias Lopes, discipulado é a evidência do amor prático. Logo, fazer discípulos é uma questão de amor e cuidado.

Conceitos e significado de discipulado

Já faz um tempo que as igrejas evangélicas brasileiras adotaram em seu vocabulário cotidiano a palavra “discipulado”. Mas, segundo a Bíblia, qual será o significado dessa palavra? Quais serão as implicações missionárias

se a igreja adotar o discipulado como modelo de prática missionária? A igreja brasileira acordou tarde ou cedo para a realidade da prática do discipulado?

O discipulado não é uma prática exclusiva do cristianismo, mas na Palavra de Deus encontramos sinais dele desde o Antigo Testamento, no que diz respeito ao cuidado mútuo, como na história de Moisés com o povo de Israel (Êxodo 18), como na formação espiritual, como no caso dos profetas e seus discípulos.

De acordo com Colin Brown Lothar, historicamente o termo *mathetes*, do verbo *manthano*, se refere ao “aprendiz”, “aluno”, “discípulo”. Trata-se do processo mediante o qual a pessoa adquire o conhecimento teórico (como Heráclito, Pitágoras e outros). A palavra, portanto, desempenha um papel importante no pensamento especulativo a partir de Sócrates. Ele defendia que enquanto o homem está aprendendo alguma coisa deve penetrar profundo na natureza de tudo que envolve tal aprendizado.

Conceituação no Antigo Testamento

Em seus estudos sobre os termos referentes à cultura bíblica do discipulado com ênfase no Antigo Testamento, Lothar admite o uso de *mathetes* com os seguintes significados: “Mathetes se acha na LXX apenas nas leituras alternativas de Jr 13.21; 20.11; 26.9, e, portanto, tem fraca atestação. Mesmo o substantivo hebraico que corresponde ao verbo lamad, talmid, ‘aluno’, que desempenha um papel tão importante no uso rabínico posterior, apenas se acha em I Cr 25.8. A falta de qualquer vocabulário do AT para ‘aprendiz’, tal como se descreve no relaciona-

mento mestre-aluno, se vincula com a consciência de Israel quanto a ser ele um povo eleito. O que o israelita tem que aprender a respeito da vontade de Deus não o transforma em ‘aluno’ diante do seu ‘mestre’, Deus. Isto porque, como aprendiz, o indivíduo sempre permanece como parte do povo escolhido, entre o qual cada indivíduo descobre na palavra divina a autoridade dAquele que o elegeu. Exclui qualquer possibilidade de um relacionamento discípulo-mestre entre os ‘homens’, pois até o sacerdote e o profeta não ensinam com sua própria autoridade. Isso se mostra, por exemplo, no fato de que todos aqueles que atendiam a Moisés e aos profetas não são chamados de alunos, mas, sim, ‘servos’, (mêsaret), Josué é o servo de Moisés (Êx 24.12, Nm 11.28), Eliseu é servo de Elias (1 Rs 19.19)”¹.

Conceituação no Novo Testamento

No Novo Testamento, o termo mais frequente é *manthano*, embora não apareça muitas vezes. É um verbo, como não poderia deixar de ser, pois contextualiza a cultura bíblica do discipulado: seguir, movimentar-se em direção da prática do aprendizado despendido por um mestre disposto a dividir o conhecimento adquirido ao longo da prática pedagógica.

Seguindo a linha de raciocínio de Lothar, “o verbo *manthano* ocorre apenas 25 vezes no NT, e apenas 6 vezes nos Evangelhos, onde se poderia esperar que ocorresse mais frequentemente como marca do discipulado (3 vezes em

¹ LOTHAR, Colin Brown. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 584.

Mt, 1 vez em Mc, 2 vezes em Jo; Lucas o emprega uma vez só, em Atos). No NT didaskó, ‘ensinar’, é muito mais comum. Emprega-se para indicar total devoção a alguém, no discipulado. Mt 10.24 e Lc 6.40, ‘o discípulo não está acima do seu mestre’. Não se pode empregar como evidência contra isto, sendo que a questão não é apenas do relacionamento entre o aluno e o professor, mas daquele entre o discípulo e o kyrios, Jesus. Para o NT, significa aquele que ‘aprende’ seguindo o uso em At 23.27 e Ap 14.3. Em alguns casos, se debate se a palavra é empregada num sentido vetero-testamentário (Gl 3.2, Ef 4.20, Cl 1.7). Em muitas passagens, emprega-se no sentido especificamente vetero-testamentário de lamad, ‘aprender’ a vontade de Deus, ou ‘aprender’ a dirigir a totalidade da sua existência humana em direção a Deus à vontade de Deus (At 1)”².

Percebemos, pois, a partir dos conceitos bíblicos de discipulado, que este envolve relacionamento, cuidado, ensino e aprendizagem, serviço, respeito e honra.

Creemos que o discipulado é o meio para a igreja viver o Evangelho a partir do exemplo e mandato de Jesus, e ele é nossa maior inspiração.

² LOTHAR, Colin Brown, op. cit., p. 586.